

O Projeto Escola Sem Partido: Considerações Preliminares

Carlos LUCENA¹

Lurdes LUCENA²

Robson Luiz de FRANÇA³

Resumo

Este artigo analisa os fundamentos do projeto Escola sem Partido no Brasil. Analisa a conjuntura atual e a predominância de concepções conservadoras na sociedade. Sem cair nas armadilhas do anacronismo histórico, realiza um comparativo do projeto educacional da Alemanha Nazista nos anos 30 do século XX e os pressupostos formativos do projeto Escola sem Partido. Este comparativo aponta elementos que permitem desenvolver a crítica a esta concepção, demonstrando os fundamentos conservadores que a permeiam.

¹Doutor em Educação Unicamp. Pós-doutorado em Educação Ufscar. Professor Titular da Faculdade de Educação da UFU. Bolsista de Produtividade e pesquisa nível dois do CNPQ.

²Doutora em Educação UFU. Professora de Ensino Superior na Esamc.

³Doutor em Educação Unesp. Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Titular da Faculdade de Educação da UFU.

Palavras chave: Nazismo; Escola sem Partido; Educação; Totalitarismo; Sociedade.

Abstract

This article analyzes the fundamentals of the School without Party project in Brazil. It analyzes the current situation and the predominance of conservative conceptions in society. Without falling into the trap of historical anachronism, he compares the educational project of Nazi Germany in the 1930s and the formative assumptions of the School without Party project. Without falling into the trap of historical anachronism, he compares the educational project of Nazi Germany in the 1930s and the formative assumptions of the School without Party project.

Keywords: Nazism; School without Party; Education; Totalitarianism; Society.

É notável como o nazismo se reapresenta de tempos em tempos na sociedade. As crises cíclicas do capitalismo, ancoradas na dificuldade do equilíbrio entre a produção e o consumo, fomentam a

eclosão do ovo de serpente⁴, expresso na negação das liberdades individuais, intolerância, violência social, entre outros.

O fruto do ovo da serpente se manifesta como um processo político novo, quando na realidade não o é. A negação das estruturas políticas vigentes em prol de outra assentada em uma nova moralidade que nada tem de novo. O bonapartismo e a incapacidade de prover melhorias sociais como desdobramentos das crises cíclicas impactam em simplificações sobre os motivos do processo em si. Na Alemanha das décadas de 30 e 40 do século XX, o povo judeu, no início do século XXI, os imigrantes, o pensamento crítico, as minorias, entre outros.

Este é um fenômeno que não se restringe ao nacional. Ele é um processo que ganha força em nível internacional, atingindo o centro e a periferia do capitalismo. Estados Unidos, França, Suécia, Suíça, Dinamarca, Hungria, Áustria, Finlândia, Portugal, Bélgica, Holanda e agora o Brasil, tem governos eleitos ou veem crescer a força das bancadas de ultradireita. O crescimento do número de imigrantes refugiados como desdobramento das guerras civis em seus países de origem, a precarização das condições de vida por problemas políticos

⁴O ovo da serpente foi um filme produzido por Dino de Laurentis em 1977. Ele versa sobre como a crise alemã fomentou o crescimento do nazismo.

internos na América Latina redefinem um universo de milhares de seres humanos despatriados que circulam pelo planeta visando sobreviver a qualquer custo.

A dimensão econômica e política estrutural que gera as crises sociais são desconsideradas pelo pensamento de ultradireita, atribuindo à simplificação do complexo as explicações sobre a situação atual pelo uso, principalmente, das mídias sociais.

A produção de frases de efeito sustentada por um populismo que finge representar os interesses de toda a população elegem atores políticos sem qualquer representatividade e legitimidade. Humberto Eco refletiu sobre essa questão, dissertando em o livro “Pendulo de Foucault” sobre o populismo midiático. Sua definição sobre esta questão versou sobre a relação entre esta forma de populismo e seu apelo à população por meio da mídia. Alertou sobre o perigo desta relação, uma vez que o uso competente de um político e/ou segmento de apoio pode influenciar os temas em questão colocando em cheque o próprio poder de mediação do parlamento de um país.

A formação de uma nova sociabilidade conservadora no presente e para o futuro elege a educação como principal aliada para

esse fim. O projeto da “Escola sem Partido” é gestado para esse fim. A negação da política no ensino é em si uma concepção política. A política é uma relação humana e histórica por excelência que só será precedida com a inexistência da espécie humana. A humanidade criou a política e sem ela não consegue existir. A centralidade da política nos possibilita elaborar a seguinte predição: a “Escola sem Partido” é na realidade um projeto de uma “Escola com Partido”, dotado de uma concepção que negue a contradição e os conflitos humanos.

O uso da educação para materializar a passividade dos seres humanos não é novo. Com o cuidado em não inserir no anacronismo histórico, entendemos que os fundamentos epistêmicos que sustentam a “Escola sem Partido” são similares àqueles dos regimes totalitários e ditaduras em que em nome da harmonia e do consenso social calaram e calam milhares de seres humanos. Toda proposição ditatorial utiliza ações coercitivas e ideológicas para negar concepções contrárias às suas.

A introdução da educação nazista na Alemanha nos anos 30 do século XX exemplifica esta afirmação. Objetivando retirar a pluralidade de pensamento e a construção de alternativas que permitissem a formação de sujeitos aptos a tomar decisões, o Estado alemão instaurou

um processo educacional formativo voltado à formação das crianças para o futuro nazista. A missão do Reich era controlar a educação visando vigiar e excluir conteúdos nocivos à concretização do ideal nazista. Toda educação intelectual fornecida pela diversidade de concepções epistemológicas era entendida como nociva à sociedade.

O Reich se apropriou de princípios durkheiminianos expressos no uso da educação como ferramenta para a construção de uma moral coletiva. A elaboração de um projeto social futuro implicava em mudanças na sociabilidade no presente. Esta relação denominada por Durkheim como *Educação* foi utilizada pelo Reich e se apresenta em outra roupagem no Projeto Escola sem Partido. Como dissemos, ela não é um projeto pensado restrito ao presente, mas sim, um preceito educacional a partir da leitura dos conflitos de classe no passado, sua eliminação no presente como condição para a emergência de novos atores sociais e a edificação de um projeto conservador no futuro.

Merece destaque alguns pontos do Programa do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP).

O primeiro dever do cidadão é trabalhar, física ou intelectualmente. A atividade do indivíduo não deve prejudicar os interesses do coletivo, mas integrar-se dentro desta e para bem de todos.

[...]

A extensão da nossa infraestrutura escolar deve permitir a todos os Alemães bem dotados e trabalhadores o acesso a uma educação superior, e através dela os lugares de direção. Os programas de todos os estabelecimentos de ensino devem ser adaptados às necessidades da vida prática. O espírito nacional deve ser inculcado na escola a partir da idade da razão. Pedimos que o Estado suporte os encargos da instituição superior dos filhos excepcionalmente dotados de pais pobres, qualquer que seja a sua profissão ou classe social.

[...]

O Estado deve preocupar-se por melhorar a saúde pública mediante a proteção da mãe e dos filhos, a introdução de meios idôneos para desenvolver as aptidões físicas pela obrigação legal de praticar desporto e ginástica, e mediante um apoio poderoso a todas as associações que tenham por objetivo a educação física da juventude.

[...]

[...] Pedimos que se combata pela lei um ensino literário e artístico gerador da desagregação da nossa vida nacional; e o encerramento das organizações que contrariem as medidas anteriores.

Munique, 24 de Fevereiro de 1920"⁵.

A educação nazista objetivava ajustar as condutas dos alemães, possibilitando o controle do Estado Nacional Socialista perante toda a sociedade alemã. Esta objetivação inspirou Hitler e seus seguidores a

⁵Fonte: <http://icommercepage.blogspot.com.br/2011/10/os-25-ponto-chaves-do-nazismo.html> acesso dia 09 out. 2016.

incorporar os pressupostos positivistas referentes à formação escolar. Para Durkheim não há povo em que não exista certo número de ideias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar nas crianças, independente da categoria social a que pertençam. Toda e qualquer educação, seja a dos ricos ou a dos pobres, tem objetivo de fixar ideias nas cabeças dos educandos. Resulta destes fatos que cada sociedade faz do homem certo ideal, tanto do ponto de vista intelectual, quando do físico e moral, um ideal que de certo ponto é o mesmo para todos os seres humanos.

A educação é para a sociedade o meio pela qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da sua própria existência. A construção de uma nova moralidade fiel aos princípios do nazismo fundamentada na concepção educacional positivista. Nos chama a atenção como esses fundamentos se apresentando no projeto da “Escola sem Partido”. A elaboração de uma sociabilidade conservadora retoma os princípios ditatoriais tal qual afirmamos. No nazismo, o objetivo era uma formação voltada à servidão ao Estado Totalitário. Por sua vez, na Escola sem Partido, o princípio é a naturalização das relações econômicas de servidão da periferia ao centro do capitalismo. Uma análise que desconsidere o local remetendo-o à totalidade das relações

sociais nos trás elementos para verificar que esta servidão impacta na subordinação aos interesses financeiros reprodutivos internacionais. Não é ao acaso que são retomados os princípios da privatização, enxugamento do Estado, abertura de mercados e da educação como ferramenta para a formação do Homem Econômico.

O “avanço social” é entendido como sinônimo desta subordinação, a elaboração de outra concepção moral que compactue com este projeto de sociedade. A formação escolar crítica é entendida como uma ferramenta que transforma os seres humanos em algo similar aos “selvagens”. Esta afirmação se sustenta no entendimento do Durkheim expresso em “A educação moral” ao qual afirma que as crianças sem condução devida reproduzem o traço das sociedades primitivas, pois se encontram sob o domínio das paixões que as torna impotentes à contenção. É preciso constituir através da educação os estágios originais que não estão formados nas crianças. A criança pertence ao domínio das paixões e habita entre os selvagens. Entre ela e os adultos normais há o fosso da mais radical dicotomia e polarização. Há que sufocar e cortar a sua curiosidade, sua mobilidade, vivacidade e imaginação. Há que instigar a obediência que o dispositivo pedagógico transformará em espírito de disciplina. Suas tendências serão vigiadas,

medidas, avaliadas, instigadas e fortalecidas aos moldes do adulto civilizado.

No projeto da Escola sem Partido a construção de uma moral conservadora se centra no princípio da disciplina social. As crianças não devem ser doutrinadas por professores críticos ao sistema vigente, pois, segundo esta concepção, não sabem distinguir o bem ou o mal, o que se deve fazer e o que não se deve; o que é lícito e o que é ilícito, podendo facilmente ser manipuladas por “professores inescrupulosos”.

Esses fundamentos estiveram presentes nas ações do Nacional Socialismo em torno do uso da educação para a disciplina e controle de uma sociedade. O controle educacional passava pelo entendimento da ação do Estado alemão e sua capacidade de controlar a educação. “Se a sociedade não estiver sempre presente e vigilante para obrigar a ação pedagógica a exercer-se em sentido social, essa se porá ao serviço de interesses particulares e a grande alma da pátria se dividirá, esfacelando-se numa multidão incoerente de pequenas almas fragmentárias, em conflito uma com as outras”, acreditavam os seguidores do nazismo.

A negação da política e da autonomia do ensino eram condições essenciais para eliminar toda e qualquer posição crítica aos pressupostos nazistas. A rigidez disciplinar suprimiria a capacidade de decisão e emancipação dos seres humanos, submetendo-os ao controle e disciplina social imposta pelo Reich, uma espécie de lei da mordaça nos anos 30 do século XX. Todos aqueles que estavam em discordância com o Nacional Socialismo eram entendidos como doentes sociais a serem execrados da sociedade, a materialização de uma sociedade autoritária legitimada por um Estado autoritário sustentado por pedagogias autoritárias.

Parece-nos que a lei da mordaça dos anos 30 do século XX ganhou vida no início do século XXI no Brasil. A exclusão da educação enquanto fenômeno político acaba por negar os princípios da pluralidade de ideias manifestos no universo da aparência do projeto “Escola sem Partido”. A afirmação da *pluralidade de ideias* expressa por este projeto omite o objetivo de retirar dos currículos escolares concepções críticas à sociedade, negando a luta de classes, a discussão de gênero, o debate sobre o racismo, entre outros temas.

Toda pedagogia de cunho autoritário se sustenta na desvalorização da pluralidade de pensamento, exclusão de propostas

antagônicas e desvalorização do profissional professor. A negação da ciência expressa no acesso ao conhecimento de forma fragmentada manifesta uma perversa relação que nega o saber construído pela humanidade à própria humanidade. Este é o sentido do controle do trabalho dos professores e dos currículos proposto nas escolas brasileiras através da “Escola sem Partido”.

O controle curricular do ensino e do trabalho dos professores tem seus fundamentos em experiências similares utilizadas pelo Nacional Socialismo na Alemanha. A nazificação das escolas se manifestou em uma total reconstrução da educação nos anos 30 do século XX. A formação de uma juventude nazista propiciou um dos mais horrendos espetáculos do século XX. No dia 10 de maio de 1933 foram queimados 25 mil livros por estudantes universitários com a justificativa de produzir conteúdos nocivos aos ideais alemães.

Um amplo processo de intimidação dos profissionais da educação foi introduzido no país. A implantação da nova pedagogia alemã implicou em um processo de reestruturação de todo o sistema de educacional do país. A coação de professores foi justificada pelo princípio de lealdade ao nazismo. O que se verificou foi a demissão e assassinio de centenas de professores críticos ao nazismo, independente

de serem ou não judeus e sua substituição por profissionais leais ao Nacional Socialismo. Os professores aposentados foram desprezados. Os que estavam na ativa e eram fiéis ao regime foram obrigados a passar por um processo de capacitação que possibilitasse compreender e aplicar a pedagogia da educação nacional socialista na Alemanha. Essa pedagogia se centrou na negação do liberalismo e, principalmente, das concepções materialistas da história.

As escolas se transformaram em um espaço de coerção social imposta pelo Estado Nazista e por parcela dos próprios alunos. O ato da queima dos livros citado anteriormente fomentou a difusão do ódio sustentado por um processo de doutrinação dos jovens os colocou como vigias dos próprios professores, agredindo-os verbalmente e manifestando atos de rebeldia a concepções antagônicas ao regime.

Não é ao acaso que na conjuntura conservadora em curso no Brasil exemplos similares sejam utilizados. Acrescido do incremento tecnológico manifesto pelas redes sociais observa-se a iniciativa de setores conservadores em fomentar a vigília dos alunos sobre os professores. Gravações escondidas de aulas, pressões em relação ao emprego de professores, assédio moral, entre outros exemplos são ações utilizadas como forma de acuar a liberdade de ensino e expressão na

educação. Por não ter rosto definido, visto que as chamadas em redes sociais nem sempre tem autores, uma nova lógica de barbárie cibernética se estende pela sociedade. A melhor definição de Humberto Eco para as mídias sociais e a internet é que a mesma consolidou *um instrumento que deu espaço aos imbecis*.

Marx escreveu em 1847 esta passagem surpreendente e profética, que parece anunciar a Escola de Frankfurt: “A barbárie reapareceu, mas desta vez ela é engendrada no próprio seio da civilização e é parte integrante dela. “É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização”. (Lowi, 2000, s/p)

A ideologia legitimadora do genocídio é ela também de tipo moderno, pseudocientífico, biológico, antropométrico, eugenista. A utilização obsessiva de fórmulas pseudo-medicinais é característica do discurso anti-semita dos dirigentes nazistas, o que pode ser notado nas conversações privadas deles. Numa carta a Himmler em 1942, Adolf Hitler insistia: “A batalha na qual nós estamos engajados hoje é do mesmo tipo que a batalha liderada, no século passado, por Pasteur e Koch. Quantas doenças não tiveram sua origem no vírus judeu... Nós não encontraremos nossa saúde sem eliminar os judeus”. (Lowy, 2000, s/p)

A difusão do ódio social é uma característica do ovo da serpente. Nos chama a atenção como o ódio social renasce de tempos em tempos.

Os períodos de crise econômica manifestos na dificuldade do Estado em prover melhorias sociais ao conjunto da sociedade é a gênese da insegurança e do ódio social. Preocupa-nos a existência do ódio social nas formulações da “Escola sem Partido” no Brasil. Temos a impressão que o ódio às concepções críticas e materialistas expressas na “Escola sem Partido” tem fundamentos similares ao fomento do ódio alemão em suas escolas. Tudo o que fuja aos pressupostos pensados pelo Estado autoritário é entendido como novas doenças sociais do século XXI.

Sua crítica a concepções antagônicas às formas sociais reprodutivas do capital se sustenta na resignificação do conceito de socialismo. Ao contrário do conceito clássico de socialismo entendendo-o como um estágio de transição, ele foi resignificado como algo similar à corrupção e ineficiência. O crescimento das denúncias de corrupção acompanhado pelo esgotamento do novo desenvolvimentismo sustenta todo o espetáculo midiático para esse fim. Os governos de origem classista são mostrados como inimigos de toda a sociedade. No interior desta concepção, o socialismo no universo da resignificação, não é entendido em seu potencial de emancipação da humanidade, mas sim como similar à corrupção e falência de um modelo social.

A resignificação do socialismo fortalece a ação que criminaliza os professores e suas organizações representativas. Os profissionais críticos são atribuídos como dotados de uma concepção interpretativa do mundo ultrapassada e descolada da realidade. O crescente movimento de criminalização aos professores, seus sindicatos e associações materializa uma espécie de *neosionismo* do início do século XXI, expresso na perseguição de política, homofobia, racismo, discriminação de gênero e intolerância a todo e qualquer pensamento alternativo. Um *neosionismo* que tem bases similares ao ódio nazista dos judeus, ciganos, socialistas, liberais, anarquistas, comunistas, entre outros no século XX.

Finalizamos afirmando que o termo Escola sem Partido é um equívoco. Sua própria denominação representa uma concepção de extrema direita que é em si um ato político. Os alunos não são tabulas rasas desprovidas de conteúdo e capacidade de interpretação do mundo. A defesa da Escola sem Partido é uma crença fantasiosa de segmentos de extrema direita que nos parece ter pouca compreensão do que é a própria educação. A educação é o espaço de disputa em que as diferentes concepções de mundo coexistem e se confrontam. Ela não é espaço de doutrinação ideológica, mas sim da construção da autonomia

mediada pela ciência. A demonização da política é em si um ato político, herança de concepções sionistas, cujo resultado a história premia com diversos desastres e sofrimentos.

Referências

ARON, R. **Etapas do Pensamento Sociológico**. SP: Martins Fontes, 2002.

BRANDT, C.A.; MIALHE, J.L. A educação na Alemanha nazista e seu papel na modulação de ideias e comportamentos. In Revista Historia de la educion anuario. vol.14, nº.2, Ciudad autonoma de Buenos Aires. dez. 2013.

Fonte:

<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2313-92772013000200003> Acesso dia 01 mai. 2018

DURKHEIM, E., **Da divisão do trabalho social**. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999..

_____. **O suicídio**. SP: Martins Fontes, 2000

_____. **As regras do método sociológico.** São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.

_____. As formas elementares da vida religiosa. In: **Os pensadores.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Educação e Sociologia.** SP; Melhoramentos, 1952.

_____. **Moral Education.** New York: The Free Press, 1971.

ECO, H. **O pendulo de Foucault.** RJ: Ed. Record, 1988.

HITLER, A. **Minha luta: Mein Kampf.** São Paulo: Editora Moraes, 1983.

IANNI, O. Neoliberalismo e nazi-fascismo. In **Revista Crítica Marxista.** São Paulo: Xamã, v. 1, nº 7, p. 112-120, 1998.

LÖWY, M. Barbárie e modernidade no século XX. **Critique Communiste,** nº 157. Fórum Social Mundial. Brasil, Dez. 2000.

<<http://ruibebiano.net/zonanon/non/plural/doc44.html>.> Acesso em: 15 out. 2008

LUCENA, C. **Hayek, liberalismo e formação humana.** Campinas: Alínea, 2011

_____. O pensamento educacional de Émile Durkheim. In **Revista Histedbr on line**, v10, n.40, 2010.

Fonte:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639820>>

Acesso em: 01 mai. 2018

_____. **Tempos de destruição: educação, trabalho e indústria do petróleo no Brasil**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2004

NORONHA, O.M. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação**. Campinas: Editora Alínea, 2002.

PAULANI, L. **Modernidade e discurso econômico**. São Paulo: Boitempo, 2005

Programa do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP).

<<http://icommercepage.blogspot.com.br/2011/10/os-25-ponto-chaves-do-nazismo.html>> Acesso em: 09 out. 2016.

Protocolos dos Sábios de Sião. Tradução Gustavo Barroso. SP: Editora Revisão, 1989.